

ARIE CZERTOK¹

(Xangai, China, 1944)



Arie Czertok. S. Paulo, 2016.
Retrato reproduzido do vídeo de entrevista.
Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.

1 Entrevista concedida por Arie Czertok a Rachel Mizrahi, coordenadora da equipe de História Oral Arqshoah, gravada em áudio e vídeo. S. Paulo, 21.3.2014. Câmera: Laís Rigatto Cardilo. Transcrição: Daniel Loeb. Transcrição: Rachel Mizrahi e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

Minhas raízes judaico-polonesas

Meu nome é Arie Czertok, nasci na cidade de Xangai, num hospital britânico, em 4 de setembro de 1948. Sou filho de David e Dusia Czertok, ambos de origem polonesa e seguidores da tradição judaica. Meus pais se conheceram em Xangai, em 1946/1947, e passaram a lua de mel em Formosa, onde fui concebido. Mas, para entendermos como eles foram parar em Xangai e por que eu nasci nesse lugar, acho importante reconstituirmos as raízes da minha família na Polônia, antes, durante e após a ocupação nazista.



Xangai, cidade natal de Arie Czertok.
Google Maps

Meus avós paternos se chamavam Guedala e Ida Czertok. Meu avô Guedala havia nascido em um vilarejo chamado Czertok, daí a origem do nosso sobrenome, pois a família residia nesse local desde o século XIX, próximo de Lida no nordeste da então Polônia. Posso afirmar que tinham uma boa vida de classe média em Lida, cidade de porte médio, localizada no nordeste da Polônia (Bielorrússia) onde viviam 25 mil habitantes, dos quais 25% eram de origem judaica. Enfim, era uma vida com relativamente pouca atividade econômica, pequenas indústrias, pequeno comércio e pequenos bancos.

Meu avô Guedala era dinâmico e ambicioso, posso dizer que fora de padrão para aquela época. Era membro importante na comunidade local, fazendo parte do banco, (não lembro o nome) e do conselho da cidade. Por volta de 1922, montou em Lida uma pequena metalúrgica, onde fabricava pregos e arames. Tinha uns 15 funcionários. Minha avó Ida

Arie Czertok

era autodidata em piano clássico, literatura russa e Shakespeare. Foi uma das pessoas mais cultas que conheci. Formal, estilo severo, típico das classes médias da primeira metade do século XX. Na década de 1920, ela e meu avô costumavam viajar muito para Londres, Paris e Berlim aproveitando o verão. Preocupados com educação, mandaram o primogênito Arie (meu tio, não eu...) estudar em Londres. Guedala e Ida tiveram dois filhos: Arie (meu tio) e David (meu pai). Arie (tio) foi estudar em Londres em 1936 e David (meu pai) ainda estava no ginásio. Guedala e Ida também criaram uma sobrinha e um sobrinho (12 anos mais velho), órfãos de pai e mãe, mortos por doenças quando eram pequenos. O sobrinho, Léon Chertok (com “h”), também foi estudar fora assim que conseguiu ser aceito para estudar medicina em Praga em 1934 ou 1935. Tanto Léon quanto Arie e David eram ativamente sionistas, postura quase obrigatória para os jovens judeus poloneses da época.

Após terminar o ginásio judaico, Arie (meu tio) viajou muito pela Europa, quando já se acelerava a agitação antissemita agressiva dos alemães. Naquela época, os judeus que viviam



Dusia Czertok com o recém-nascido Arie Czertok. Xangai, 1948.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Guedala e Ida Czertok, avós paternos de Arie Czertok, com os filhos Arie e David.
c. 1926. Lida (Polônia). Fotografia não identificado.
Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.

na Europa Central tinham uma visão clara das práticas antissemitas, mas acreditavam ser “normal” e que, em breve, tudo voltaria ao normal. Isso fazia parte da vida e da realidade judaicas da Europa, mesmo em ambientes em que o antissemitismo existia, mas não tão agressivo como na Inglaterra ou África do Sul. Aproximadamente 25% e 30% da população polonesa era de judeus, não podemos esquecer. Consequentemente, tudo que havia e acontecia na Polônia envolvia judeus de alguma forma. Exceto o Exército (residual, com armas da 1ª GG) que os rejeitava, principalmente no oficialato destinado aos nobres. A crença geral era que a Europa jamais teria outro conflito como a Primeira Guerra Mundial.

A invasão nazista

Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha invadiu a Polônia, fato que levou os Czertoks a sair do país em outubro de 1939.^A Hoje, minha família está dividida por muitos lugares: primos em Nova York, primas em Boston. A família Tukaczynski de minha mãe – maior e mais rica que a do meu pai – acabou se espalhando pelo mundo.

Em 1939 o Exército polonês era muito “moderno”: tinha até cavalaria e sabres. Naquela época, eles efetivamente pretendiam atacar os tanques alemães com espadas e cavalos. Grandes tensões já podiam ser sentidas na segunda metade dos anos 1930. Quando Hitler anexou a Tchecoslováquia em março de 1939, meu tio Arie, que estava em Londres, escrevia semanalmente para meu avô sugerindo-lhe que saísse do país, porque iria acontecer uma guerra grande. Londres era o lugar onde havia a melhor percepção do potencial de guerra e da dimensão que ela poderia atingir. Os ingleses estavam tentando acalmar Hitler ou investir em uma política de apaziguamento. Havia um tratado com a Polônia: se a Alemanha invadissem a Polônia, a Inglaterra entraria na guerra. No contexto, havia também o “tratado de não agressão, crucial na divisão da Europa” – não invadir a Rússia. A esquerda sofreu, durante muitos anos, a acusação de que Stalin fez esse acordo. Mas a verdade é que Stalin precisava de, pelo menos, dois anos para se organizar militarmente para um ataque alemão, que ele sabia que iria acontecer. Nesse meio-tempo, inclusive, começaram as tentativas de comprar equipamentos militares americanos.

A- Após assumir o poder, Hitler restabeleceu o serviço militar obrigatório, reiniciou a produção de armamentos e iniciou a expansão para o Leste Europeu, interessado também em conquistar as matérias-primas da Romênia, do Cáucaso, da Sibéria e da Ucrânia. Contrariava assim as imposições do Tratado de Versalhes aprovado. Apesar de as potências ocidentais temerem o perigo nazista, permitiram seu crescimento como forma de bloqueio ao avanço comunista soviético. Hitler exigiu a devolução do chamado “corredor de Danzig”, que ligava a Polônia ao Mar do Norte, e, diante da negativa da Polônia em ceder Gdansk, as tropas alemãs invadiram o país aproveitando-se da frágil resistência local. Dois dias depois, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha, fazendo eclodir a Segunda Guerra Mundial.

Vozes do Holocausto

Em 1º de setembro de 1939, os alemães invadiram a Polônia, e, um mês depois, meu avô descobriu que teria que sair “correndo”, em vez de ter saído “direito” como havia sugerido seu filho em Londres. Dessa vez, não poderia se desfazer dos bens, tendo como única opção levar alguns diamantes escondidos no cinto. Assim, meu pai e meus avós paternos fugiram a pé de Lida em direção a Vilna, na Lituânia. Importante lembrar que, naquela época, havia uma fronteira entre a Polônia e a Lituânia, e que os guardas da fronteira eram extremamente agressivos. Tiveram dificuldades para atravessar. Vilna fica apenas a 98 km de distância. Mas, embora minúscula a distância física, brutal foi a distância psicológica. Enfim, resumindo a grande ansiedade e angústia daquelas semanas, conseguiram atravessar, gastando alguns diamantes com os guardas.



Trajeto de Lida (Polônia) a Vilna (Lituânia), hoje uma viagem de 10 horas e 30 minutos de carro.

Google Maps, 2016.

Salvos por um diplomata justo

Otimista, meu avô achou que a vida na Lituânia seria mais calma e que os alemães não iriam invadir a Lituânia pelo pacto de não agressão. Implantou em seis meses uma indústria de equipamentos agrícolas na virada de 1939 para 1940. Em 1940, Stalin invadiu a Lituânia. Aí realmente a situação ficou desesperadora, porque não sabíamos o que fazer! Não podíamos ir para o leste, para o oeste, ao sul, nem ao norte por causa dos alemães. Enfim, não era possível ir a lugar nenhum, porque do outro lado estavam os russos. Nesse contexto, surgiu

Chiune Sugihara, cônsul japonês na Lituânia, que também era conhecido por “Sempo”.

A história desse cônsul é muito interessante. Quem foi Sugihara? Era um diplomata japonês, casado com uma russa, e que havia passado muito tempo na Manchúria, após a invasão japonesa. Ele se rebelou contra o tratamento que os japoneses davam aos chineses. Foi quase exilado como cônsul japonês em Vilna. Ele era diplomata, mas ser colocado como diplomata naquela cidade significava praticamente um exílio. Enfim, Sugihara tinha visto o resultado da militarização de uma ocupação militar. E, literalmente, ficou com dó dos judeus que lá estavam pedindo ajuda para deixarem o país. Nesse momento, emitiu incríveis seis mil vistos para seis mil famílias: uma história incrível. E uma dessas famílias foi a minha, incluindo pai, avó e avô.^A Eu ainda não havia nascido, mas sei dessa história porque ouvi contar, com detalhes, pelos meus pais.

Xangai, um refúgio tranquilo

Muitas pessoas não conseguiram usar os vistos, pois, por um motivo ou outro, foram presas e/ou levadas para os campos de concentração. Mas minha família saiu rapidinho e pegou a Transiberiana, viagem que levava três semanas de trem. Chegaram a Vladivostok, fim da península Muravyov-Amursky e às margens do mar do Japão, ao norte das Ilhas Quirilo, na Rússia, disputadas até hoje pelo Japão e pela Rússia.

De lá, foram de navio até Kobe, destino temporário da permissão, não o destino final do visto. Permaneceram no

A- A estratégia de salvamento adotada pelo diplomata Chiune Sugihara (nasceu em Mino, no Japão, em 1º de janeiro de 1900 e faleceu em 31 de julho de 1900) se fez movida pelos valores humanitários. Considerado como “a face humana do *Fugu Plan*”: uma tentativa de estabelecer um Estado judaico na Manchúria, perto de Harbin, lugar onde já havia uma grande população de judeus russos. Nessa época, entre novembro de 1939 e setembro de 1940, Chiune Sugihara era oficialmente cônsul-geral do Japão em Kovno (Kauņas), na Lituânia. Na verdade, ele estava em Kovno a serviço da Inteligência para monitorar os movimentos dos soviéticos e dos alemães na área. Tinha consciência de que, naquele momento, a única rota de fuga para os judeus perseguidos pelos nazistas seria passando pelo território da URSS para chegar ao ponto de destino. Mas os vistos de trânsito somente seriam concedidos se os refugiados tivessem a garantia de que, após cruzarem a URSS, seriam recebidos por um outro país. Explicou ao ministro do Exterior do Japão sobre a urgência em conceder os vistos aos judeus, a qual foi negada três vezes. A partir de 1º de agosto, começou a emitir os vistos contrariando as ordens do governo japonês. Durante dias e noites, concedeu milhares de vistos, até o momento em que recebeu ordens para parar, devido ao tumulto causado nos portos de japoneses de Yokohama e Kobe onde desembarcavam os refugiados, a salvo. Apesar de colocar em risco sua carreira e sua vida, Sugihara emitiu cerca de seis mil vistos, sendo reconhecido e homenageado pelo Yad Vashem como um dos “Justos entre as Nações”.

Vozes do Holocausto

sul do país por um ano, pois o Japão já estava ocupando a Manchúria e uma parte da costa leste da China. Quando o Japão entrou em guerra com os Estados Unidos, retirou todos os europeus que ali estavam por um motivo ou outro, enviando-os para Xangai.^A Assim, meu pai e avós paternos acabaram indo para a China, por imposição do governo japonês. Essa é a história do meu pai que chegou à China em 1941, sem um tostão.

A história da minha mãe é completamente diferente. Saul Tukaczynski, pai da minha mãe, tinha mais dois irmãos, Salomão (o terceiro não lembro), que, como exportadores/

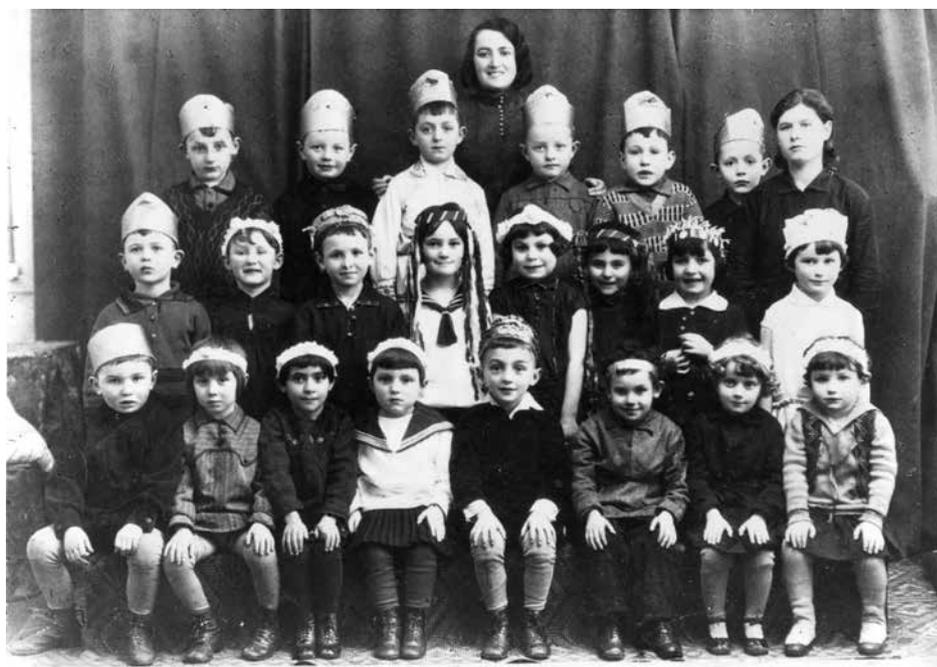


Saul Tukaczynski – c. 1930 – Polônia.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.

A- Xangai era, nessa época, uma espécie de território livre para os refugiados judeus em fuga das perseguições nazistas. Ali recebiam ajuda da Joint que lhes garantia hospedagem e alimentação, além de providenciar novos documentos e vistos para emigrar. Como cidade aberta, Xangai transformou-se em um centro político e cultural, promotor da língua iídiche, servindo de abrigo a importantes intelectuais, artistas de teatro, músicos e jornalistas fugitivos do nazismo. Tornou-se também importante núcleo promotor do sionismo, contando com a Organização Sionista de Xangai (Zionist Organisation Shanghai – ZOZ) que, em 1945, possuía 1.815 membros, além da Wizo, Poalei Tsion, Betar, Mizrahi e Brit Noar Tsioni. Em oposição, estava o *Bund*, principal partido operário judeu da Europa Oriental, que contava com cem ou mais *bundistas*, segundo testemunho de Bóris Markus. Foi nesse clima de reabilitação do iídiche* e da identidade judaica que David, irmão de Bóris e Gênia Markus, criou e dirigiu o programa radiofônico nesse idioma, inaugurado em 17 de novembro de, uma segunda-feira, às 16h40, com a chamada *Notícias judaicas locais*.

importadores de tecidos, mantinham relacionamentos com a China havia muitos anos. Para resumir, entre 1930 e 1935, já percebendo que a situação na Europa ficaria ruim, transferiram-se progressivamente para Harbin onde havia importante comunidade judaica há centenas de anos, e principalmente russa desde o final do século XIX. Em 1937/1938, com a ocupação japonesa da Manchúria, emigraram organizadamente para Xangai. Saíram com dinheiro e lá se instalaram. A vida – dentro do limite permitido pelo governo de ocupação japonês – era boa. Não foi tranquilo, mas definitivamente não foi trauma. Depois, minha mãe estudou em escola americana, assim como seus irmãos Mark e Joe, que ao fim cursaram uma universidade francesa que havia no French Quarter.

Em Xangai, meu pai e meus avós viveram literalmente em um cortiço, onde um “chefe de quarteirão”, um “hitlerzinho” japonês de um metro e meio, “bravo para cachorro”, mandava e desmandava. Ali havia um fogão de duas bocas onde 20 mulheres cozinhavam para as famílias. Muito pior do que os refugiados sírios de hoje. Mas isso não durou muito tempo, pois logo foi possível fazer algum comércio, e meu pai, então com 18 anos, arrumou o primeiro emprego em uma empresa de navegação. Guardo ainda uma carteirinha emitida pela administração japonesa em Xangai que autorizava sair do “gueto”.



Dusia (ao centro) com os coleguinhas de classe do pré-primário. Polônia, 1932.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Família Tukaczynski – Dusia, irmãos e pais – provavelmente ainda na Polônia.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Na China, “tudo era comércio”, meu pai brincava. Quando negociava leite em pó, ficava louco da vida se alguém abria a lata e tomava. Não era para abrir. A lata era para trocar, não para consumir o leite. Ele negociava leite, sardinha, tudo que era enlatado. Pegava o trem e ia para Nanquim e trocava com os chineses por outras coisas. Às vezes, até por ouro. A pior coisa era o abrir a lata. Aí, você acabava com o negócio. Não podia abrir a lata, você não podia consumir!

O problema estava no caminho, um tanto complicado porque os trens eram ruins e a China estava em guerra contra o Japão. Havia dois grupos: os nacionalistas de Chiang Kai Shek, que hoje seria considerado um bilionário, e do outro lado estavam Zhou Enlai e Mao Tsé-Tung. Os americanos e os ingleses apoiavam Chiang Kai Shek que usou o dinheiro basicamente para roubar, sem ganhar nenhuma batalha contra os japoneses. Mao, ao contrário, lutou com gente. A velha teoria ele escreveu depois no livrinho vermelho: “se

morrer um milhão de chineses na guerra, não me importo, pois o que me interessa é acabar com o Japão!”. Enfim, esse período foi muito complicado.

Fora desse contexto histórico, a vida em Xangai era limitada, mas foi uma cidade boa para os judeus. Havia uma família de judeus iraquianos de nome Sassoon, uma espécie de Rothschild da região. Eram banqueiros, industriais, donos do sistema elétrico, de bondes de Xangai. Todos os motorneiros de Xangai eram judeus russos. Muitos judeus transitavam nessas regiões, principalmente oriundos de Harbin, na Manchúria.^A



Xangai, 1940. Cartão-postal. Fotografia não identificado.

Disponível em: <<http://lifeofarooster.com/wp-content/uploads/2014/04/Shanghai-1940s.png>>. Acesso em: 28 jul. 2017

Foi em Xangai que meu pai conheceu minha mãe, em um clube. Os dois eram poloneses e casaram-se no ano de 1947. A comunidade judaica de Xangai era basicamente conservadora. A maioria havia saído por causa da guerra. O processo migratório para Xangai aumentou com a Revolução Russa que, anos depois, instigou o movimento de judeus russos que saíram depois da Revolução Russa. E a comunidade russa não era exclusivamente judaica. Não

A- Para os poloneses perseguidos pelos nazistas, uma opção foi fugir para a Lituânia, país neutro com comunicação aérea e marítima com o Ocidente. Mas, após 15 de junho de 1940, quando a URSS ocupou a Lituânia, esse caminho já não servia mais como rota de fuga. Documentos foram assinados, ainda que sem valor de vistos, por Jan Zwartendijk, cônsul honorário da Holanda em Kaunas (Kovno), capital da Lituânia. Com esses papéis, centenas de refugiados conseguiram obter vistos de trânsito emitidos pelo vice-cônsul do Japão, Chiune Sugihara, que, ciente de que os soviéticos fechariam todos os consulados até 25 de agosto, assinou milhares de vistos aos poloneses em fuga, salvando-os do massacre perpetrado pelos nazistas na Lituânia, em 1941. Segundo David Markus, um desses judeus que, em 1951, se refugiaram no Brasil, bastava a apresentação do visto de trânsito à NKVD, polícia política soviética, para conseguir a permissão de saída. Desde a Guerra do Ópio, em 1841, Xangai mantinha suas portas abertas ao mercado internacional e estava dividida em três setores: chinês, internacional (*International Settlement*) e francês (*Concession Française*), sendo este residencial. Os judeus russos foram os primeiros a se estabelecer na concessão francesa, dedicando-se ao comércio de importação e exportação. Na década de 1920, fundaram o Shanghai Jewish Club (SJC), que, nos anos 1940, serviu de palco para programas artísticos e divulgação literária em iídiche, em parceria com os judeus poloneses. Os russos tiveram um importante papel na ajuda aos refugiados do nazismo ao criarem, em maio de 1941, o *Eastjewcom* – Comitê de Assistência aos Refugiados. Depois, começaram a chegar os judeus alemães e austríacos, cerca de 16 mil refugiados, dos quais a maioria morava muito mal em galpões improvisados e sem as mínimas condições higiênicas [...] amontoados, convivendo como ratos e baratas”. CARNEIRO, 2010, 152, 153, 190, 287-290 e 397.

haveria a expansão da comunidade judaica no Oriente se não fosse Sugihara, o cônsul japonês em Vilna.

Um Estado para os judeus no Japão

No meio disso, o Japão montou o *Fugu Plan* que vou explicar. *Fugu* é um peixe japonês que tem veneno. Você deve tirar o veneno, deixando somente um pouquinho para manter o gosto. Inspirados nessa prática, eles chamaram o plano de *Fugu Plan*: uma tentativa de estabelecer um Estado judaico na Manchúria, perto de Harbin, lugar onde já havia uma grande população de judeus russos. Existe um livro que descreve esse plano japonês de instalar um país judaico na Manchúria: *Fugu Plan: Untold Story of the Japanese and the Jews During World War II*.² A partir de 1938-1939, o Japão – que havia invadido a Manchúria em 1931 – estabeleceu um protetorado japonês denominado Manchukuo, que quer dizer Estado da Manchúria. O plano era convencer os judeus americanos. Enfim, os japoneses tinham o plano de “tirar o veneno” dos judeus – que na sua visão era o que estimulava o antissemitismo – oferecendo-lhes esse Estado na Manchúria. A ideia era propor esse plano aos judeus americanos que, ao apoiarem esse projeto, poderiam induzir Roosevelt a não entrar na guerra.^A Os judeus, de acordo com eles, teriam força política suficiente para isso. Achavam que os judeus de Hollywood dominariam Washington. O governo japonês conhecia o teor da obra supostamente apócrifa *Os protocolos dos sábios do Sião*, que

A- Manchukuo, que quer dizer “Estado da Manchúria”, funcionou como um Estado fantoche na Manchúria e no leste da Mongólia Interior, criado por oficiais da antiga Dinastia Qing com apoio do Japão Imperial em 1932, sendo um governo totalmente subordinado aos interesses do Império Meiji. O Estado foi fundado e administrado pelo Japão Imperial, sendo Puyi, o último imperador Qing, o regente nominal e imperador. O governo de Manchukuo foi abolido em 1945 após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial. Apesar do nome, os manchus eram uma minoria étnica em Manchukuo, cuja população era majoritariamente composta de chineses Han. Havia também coreanos, japoneses, mongóis e outras minorias. As regiões mongóis do oeste de Manchukuo mantinham as tradições próprias do povo mongol.

2 Cf. TOKAYER, Marvin; SWARTZ, Mary. *Fugu Plan: Untold Story of the Japanese and the Jews During World War II*. New York: Gefen Books, 2012.

atingiu cerca de 150 milhões de exemplares publicados no mundo inteiro, financiado e distribuído por Henry Ford, Charles Lindbergh e outros heróis americanos da época.^A Talvez conhecessem também importante pesquisa de opinião publicada nos Estados Unidos em 1939, em que 50% dos americanos achavam que os judeus tinham poder excessivo, principalmente em Hollywood.

Os japoneses tinham uma visão contraditória em relação aos judeus. Eles nunca tiveram contato real com os judeus, mas, a partir da leitura dos *Protocolos*, parte da população admirava os judeus e outra tinha ódio e medo deles. Aparentemente, a maioria acreditava nos *Protocolos*, que pregava a existência de uma conspiração mundial judaica. Eles tentaram levar adiante a proposta de criação do Estado de Manchukuo, mas isso demonstra, obviamente, que estavam desinformados, pois, nessa mesma época, ganhava força a proposta sionista da criação do Estado de Israel, que vinha desde o final do século XIX, com Theodore Herzl. Obviamente, o *Fugu Plan* não saiu.

A vida em Xangai

O que estou tentando mostrar é que a vida em Xangai era quase normal e muito influenciada pela vida cultural americana. Basicamente, na época dançava-se ao som de Benny Goodman, Glenn Miller e outras orquestras famosas. Bebiam-se coquetéis americanos, fumavam-se cigarros americanos e assim por diante.

Como eu já contei, meus pais se casaram em Xangai, em 9 de novembro de 1947, e foram passar a lua de mel

A- Os protocolos dos sábios de Sião é uma obra homônima divulgada pela primeira vez na Rússia, em 1905, com o objetivo de disseminar o ódio contra os judeus e conter o avanço dos judeus bolcheviques acusados de arquitetar um complô secreto para dominar o mundo. A partir de 1920, passou a ser traduzida na Europa, nos Estados Unidos, na América do Sul e no Japão. A primeira tradução para o idioma árabe apareceu na década de 1920, fortalecendo o discurso antissemita e os mitos seculares contra os judeus. Sobre esse tema, ver: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *O anti-semitismo nas Américas: memória e história*. Prefácio Pilar Rahola. S. Paulo: Edusp, 2007.



Dusia e a mãe Dora, antes de casar, num *rickshaw*, em Bund.
Xangai, 1936/1937.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.

em Formosa (Taipei, hoje Taiwan), onde fui concebido. Naquela época, na ilha de Formosa só havia cobra e mato, pois Chiang Kai-shek ainda estava na China. Anos depois, Taiwan passou a ser a “Terra do Chiang Kai-shek”, após a sua expulsão da China.^A

Havia, durante certo tempo, a expectativa de que Xangai ficaria como Hong Kong, ou seja, uma cidade internacional e que não seria absorvida pela China diretamente. Mas, depois, meus pais perceberam que Mao ia efetivamente tomar Xangai. Aí todos os ocidentais saíram correndo, para ver quem fugia primeiro da cidade.

A- Chiang Kai-shek (1887-1975), militar e político chinês que assumiu a liderança do Kuomintang, partido político conservador da China, após a morte de Sun Yat-sen, em 1925. Comandou a Expedição do Norte, que tinha como objetivo unificar a China contra os chamados “Senhores da guerra da China”, que dominavam algumas regiões do país. Saiu vitorioso em 1928 como o líder da República da China. Após o Império do Japão invadir a Manchúria, em 1937, caiu a República da China durante a Segunda Guerra Sino-Japonesa que, por sua vez, fragilizou a imagem de Chiang dentro da China, mas cresceu externamente. Durante a Guerra Civil Chinesa (1926-1949), ele tentou erradicar os comunistas chineses, mas falhou nessa tentativa, e se viu tendo que recuar seu governo para Formosa (também conhecida como Taiwan), onde continuou atuando, agora como presidente da República da China nessa ilha.

Arie Czertok



Casamento de Dusia e David Czertok. Xangai, 1947.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Famílias Czertok e Tukaczynski. Xangai, 1947.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.

A dispersão da família

Em 1946/1947, meus avós maternos, os Tukaczynski – muito mais estabelecidos que os avós paternos – mandaram os dois filhos mais velhos para estudar nos Estados Unidos: Josef, que depois mudaria o sobrenome para Tekoah quando fez *Allyah*, foi para Harvard, e o outro, cujo nome abreviado se tornou Mark Tuck, para Berkeley. Em 1948, os avós também foram para os Estados Unidos, mas para Queens, em Nova York. Minha mãe, já casada, não foi.

O irmão do meu pai Arie (o tio, não eu), que já estava em Londres antes da guerra, se alistou logo em 1939 e lutou em uma divisão blindada do Exército polonês no exílio sob comando inglês. Ele lutou a guerra inteira, desde 1939 até 1944. Acabou sendo morto em 31 de dezembro de 1944, na Holanda, fato que deixou meus avós deprimidos para o resto



Família materna de Arie (à esquerda): sua mãe Dusia, seus avós Dora e Saul, e seu primo Larry (à direita). Lakewood, Nova York, 1955. Fotógrafo não identificado. Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.

da vida. Nunca mais se recuperaram, e meu pai passou o resto da vida com síndrome do sobrevivente, tentando compensar. Na infância e adolescência eu nada entendia, porque era um assunto que não se falava em casa. Não entendia por que meus pais não comemoravam a data de 31 de dezembro, o *réveillon*, sequer sabia que esse tio existiu: era por causa da sua morte, depois de ter sobrevivido a cinco anos de guerra. Essa história eu fiquei sabendo muito tempo depois, bem mais velho.

Meus avós Czertok criaram um sobrinho (Léon) e sobrinha (Neta), filho e filha de um irmão de meu avô Guedala, morto ainda jovem. Léon foi estudar medicina na Tchecoslováquia e mudou a grafia do sobrenome para Léon Chertok (1911-1991),^A com “ch”. Ele se formou em 1938/1939, em Praga, mas imediatamente desapareceu porque foi lutar na resistência na França. Tornou-se um

A- Léon Chertok ou Lejb Tchertok, judeu polonês, nasceu em 31 de outubro de 1911, em Vilna (Lituânia e depois uma província do Império Russo). Faleceu em Deauville (França) deixando uma importante obra como psicanalista sobre a hipnose e a medicina psicossomática. Doutorou-se em Medicina pela Universidade de Praga em 1938 e, em 1939, juntou-se à resistência francesa engajando-se na luta contra o antissemitismo. Até 1940, participou da difusão de tratados e reuniões clandestinas, sendo fundador do grupo “Solidarité”, segmento da seção judaica da Main d’Oeuvre Immigrée (MOI) para organização do Mouvement National contre le Racisme (MNCR), responsável pelo salvamento de crianças e famílias judias com risco de deportação pelos nazistas. Fabricou documentos falsos e entrou em contato com Leopold Trepper, chefe da rede Orquestra Vermelha. Em 1941, na clandestinidade, ao lado de Eva Fradin, participou do salvamento de várias famílias. Hoje seu nome consta da lista dos anônimos, Justos e Perseguidos durante o período nazista nas comunidades da França. Em 1947, realizou residência em psiquiatria no hospital Mount Sinai de Nova York, na ala médica psicossomática liderada pelo psicanalista Lawrence Kubie, e, ao retornar à França, tornou-se assistente de Marcel Montassut, no hospital psiquiátrico de Villejuif entre 1948 e 1949. Em 1950, criou o centro de medicina psicossomática em Villejuif com Victor Gachkel. Em 1957 contribui para a criação da Sociedade Francesa de Medicina Psicossomática. Manteve também contatos com a psiquiatria soviética. Autor das obras: *Sense and nonsense in psychotherapy: challenge of hypnosis*, 1981; e *Mémoires d’un hérétique*, em coautoria com Didier Gille e Isabelle Stengers, Paris, 1990. Mais informações estão disponíveis em: <<http://www.ajpn.org/personne-Leon-Chertok-1784.html>>. Acesso em: 28 jul. 2017

Vozes do Holocausto

herói de guerra francês, agraciado com a Cruz de Guerra (Croix de Guerre) em 1947. Temos uma fotografia dele com uniforme francês. Léon Chertok tornou-se um psiquiatra famoso e formou o segmento francês da família. Os outros parentes que foram para os Estados Unidos formaram o segmento americano.



Chertok (1911-1991), membro da resistência na França, tornou-se herói de guerra francês, agraciado com a Cruz de Guerra (Croix de Guerre) em 1947.

Josef Tekoah, irmão da minha mãe, foi para Israel após ter concluído o curso em Harvard. Ingressou no serviço diplomático, trabalhou para o Abba Eban (1915-2002).^A A primeira embaixada dele foi no Brasil. Na época, as relações eram excelentes e ele conseguiu que o Brasil permitisse secretamente o pouso do avião que levava Eichmann, capturado pelo Mossad na Argentina. Existe uma fotografia dele entrando no Catete para apresentar as credenciais ao presidente Jânio. Josef Tekoah foi embaixador no Brasil, depois na Rússia, entre 1962 e 1965, período muito difícil

A- Abba Eban, último sobrevivente dos líderes da velha guarda israelense. Orador eloquente, diplomata brilhante e negociador eficaz, ajudou a moldar o destino de sua pátria nas difíceis três primeiras décadas que seguiram a independência, ganhando a simpatia e admiração do mundo por Israel. Expressou, de forma elegante e apaixonada, o direito de Israel à existência, instilando orgulho e solidariedade entre os judeus da diáspora e debatendo habilidosamente com os inimigos de sua nação. Como afirmou o ex-primeiro-ministro Benjamin Netanyahu e atual ministro das Finanças, Eban foi o fundador da diplomacia israelense. Mais informações podem ser obtidas na edição 40 da revista *Morashá*, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/biografias/abba-eban-simbolo-de-uma-geracao.html>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

para os judeus que lá moravam, pois não os deixavam sair. Meu tio ficava na praça, lendo jornal em hebraico, para ver quem se aproximava e para ajudar os que quisessem. Sua primeira providência era mandar para a Áustria onde existia uma espécie de campo “intermediário” de trânsito para os judeus que quisessem ir para Israel. Hoje, 25% da população em Israel é formada por esses imigrantes ou descendentes desses judeus refugiados.

Após a sua missão diplomática na Rússia, foi embaixador na ONU, seu cargo mais importante. Em outubro de 1973, pronunciou um discurso que se tornou famoso. Ele tinha ordens para atrasar a votação da Resolução 338,^A que mandava suspender o conflito entre Israel, Egito e Síria. Essa resolução deveria ser aceita pelos israelenses, mas somente depois que Sharon chegasse ao Cairo. Josef Têkoah (como era mais conhecido) falou durante seis a oito horas seguidas. E conseguiu!!! No entanto, dois dias depois foi internado com infarto agudo e sobreviveu. Foi também presidente da Universidade Ben Gurion, como mostra uma fotografia com ele já idoso. Para saber mais, tentem “Jews in China”, projeto de pesquisa histórica da Ben Gurion University. É muito interessante.

O Brasil como opção

Meu pai e meu avô Guedala pensaram em emigrar para Jacarta que, naquela época, era concessão holandesa. Tentaram, mas não deu certo. Tentaram vistos americanos, não conseguiram. Meu pai sempre foi muito boêmio, gostava da noite. Tinha alguns companheiros em Xangai, entre os

A- As resoluções 242 e 338 do Conselho de Segurança da ONU pedem a retirada israelense dos territórios ocupados durante a guerra de 1967; inscrevem-se no âmbito de uma série de resoluções sobre o conflito entre palestinos e israelenses aprovadas na assembleia geral ou no conselho de segurança desde que foi criado o Estado de Israel em 1948. O texto da Resolução 338 foi aprovado em 22 de outubro de 1973, pouco depois do começo da guerra do *Yom Kipur**. A resolução “exige às partes que comecem imediatamente após o cessar-fogo a aplicação da resolução 242 do conselho de segurança em todas as suas partes”; “Decide que, imediatamente e junto ao cessar-fogo, comecem negociações entre as partes envolvidas sob os patrocínios apropriados com vistas a instaurar uma paz justa e duradoura no Oriente Médio”. Mais informações estão disponíveis em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2004/04/16/ult34u92954.jhtm>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

quais havia um cônsul honorário brasileiro (não lembro o nome e não achei referência). Este, ao perceber que na China a situação ficaria difícil com Mao, convidou meu pai vir ao Brasil. Eles aceitaram.

Nossa viagem ao Brasil foi com peripécia, porque embarcar no avião em Xangai para o Brasil, naquela época, não era nada fácil, era uma aventura. Em um dos trechos, o avião teve que pousar no Cairo. Era fevereiro de 1949. Aí, minha família e eu fomos presos, porque na imigração no Cairo acharam que éramos parentes do Moshe Sharett, primeiro-ministro de Israel, cuja existência o Egito recusava à época. A prisão durou só 24 horas. Não sei se houve esclarecimento ou suborno. De lá, fomos a Roma onde ficamos por dois meses e onde a família toda se reuniu por algum tempo até acertar nossa viagem para o Brasil.

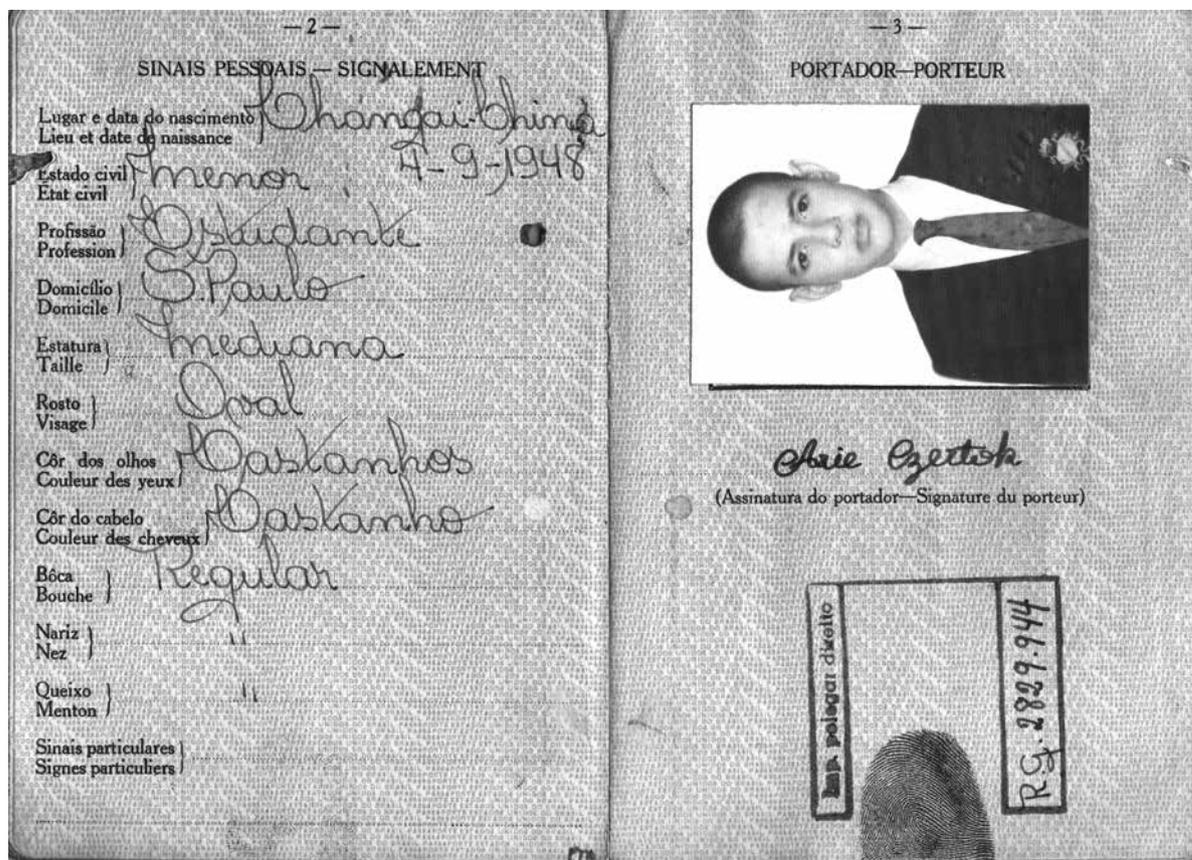
Quando chegamos a S. Paulo, ficamos hospedados no Hotel Esplanada, atrás do Municipal, onde hoje está o Grupo Votorantin. Fomos recebidos por várias famílias de judeus russos e poloneses. Muitos se tornaram nossos amigos, tanto que estiveram no meu casamento com Clarice Bergwerk, em 3 de agosto de 1974.

Dentre esses amigos mais próximos, temos algumas figuras interessantíssimas. Entre estas, havia três irmãs: uma se chamava Rebeca Casoy, casada com Manoel Julio Casoy – soletra-se C-a-s-o-y. Ele tinha uma loja de malas na Praça do Patriarca e era militante político, anarquista. O casal teve uma única filha, Nuna (apelido), casada com um jornalista que era comunista, que morreu cedo. A irmã de Rebeca – Mary Kuperman – era pintora e teve três filhos, dois também artistas importantes: Claudio Kuperman (1943), que é muito legal e excelente pintor, desenhista, escultor, gravador e professor de artes plásticas; e Breno Kuperman, cineasta. O terceiro filho, Mauro, tomou conta da loja depois que o pai morreu, mas veio a falecer em um acidente de barco. Curioso, porque no Brasil, é difícil haver pintores atuais famosos no Brasil inteiro, são quase sempre regionais.

Vimos em um avião de dois andares, chamado “Presidente”, um modelo que tinha 18 ou 20 leitos no andar de cima. Chegamos em abril de 1949, direto de Roma, com parada em Recife e no Rio de Janeiro, e, finalmente, para S. Paulo. A família de Arão Sahn, o construtor, era também de Lida que chegou bem antes da guerra. Ele tinha se comunicado com meu pai. O primeiro negócio que meu pai fez no Brasil foi construir 30 casas na zona norte com ele. Deu certo, mas o negócio era relativamente pequeno.

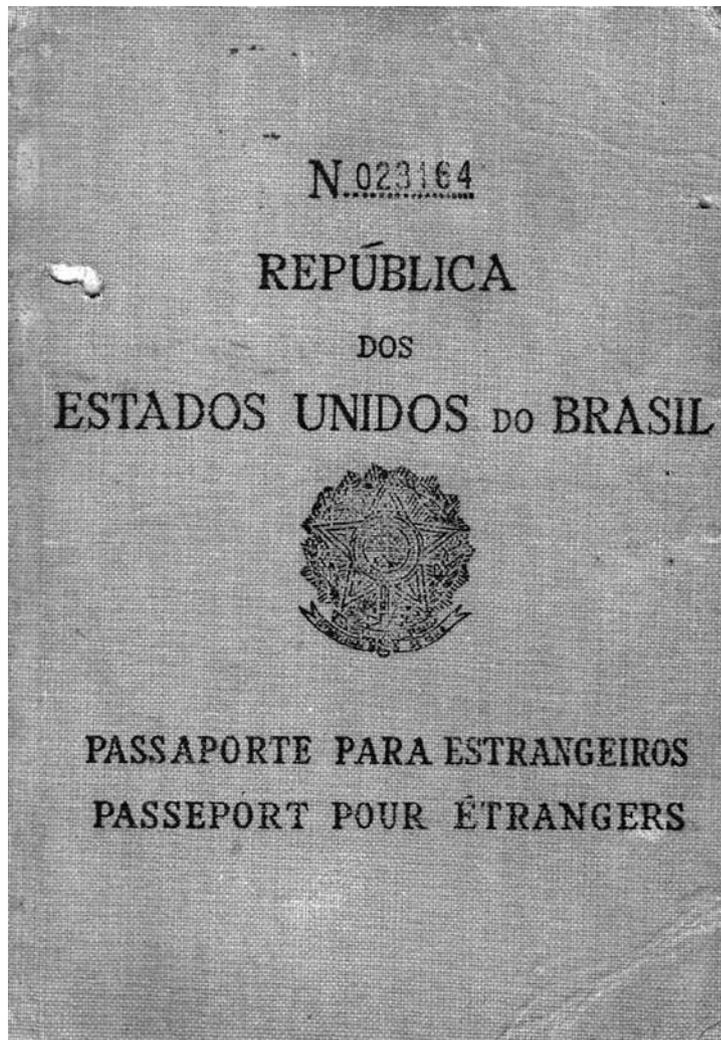
Arie Czertok

Entramos no Brasil com visto de permanência. O passaporte era de apátrida, amarelo, comum na época. Hoje a ONU é que emite passaportes para refugiados. Aqui você vê no passaporte já diz ir e voltar em regime de permanência. O visto de permanência não é definitivo. Assim que foi possível pediram cidadania, concedida em 1954. Posso dizer que foi o único ato importante de Nereu Ramos como presidente do Brasil naqueles poucos meses.



Passaporte para estrangeiro de Arie Czertok. S. Paulo, 8.5.1961.
Fotógrafo não identificado. Acervo: Czertok/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Meu pai e meu avô sempre foram muito aventureiros (hoje seriam chamados empreendedores). Na China ou na Polônia, o Brasil não tinha boa imagem. A única imagem que circulava do Brasil era a do Zé Carioca, do desenho Disney, e da Carmen Miranda. Não havia outra informação. Lembro-me de que Léon Chertok, primo de meu pai, já como cidadão francês no pós-guerra, enviava cartas para o meu pai e brigava com ele, dizendo: “Como você deixa seu filho crescer nessa selva?”.



Capa de passaporte para estrangeiro de Arie Czertok.
S. Paulo, 8.5.1961.
Fotógrafo não identificado. Acervo: Czertok/SP;
Arqshoah-Leer/USP.

Léon Chertok costumava escrever para meu pai aconselhando-o a enviar-me para Paris. E quando ele veio para o Brasil, uma única vez em 1961, odiou. Nessa época, ele me levou para conhecer o setor psiquiátrico do Hospital das Clínicas. Só anos depois, ao ver Marat-Sade comecei a entender o drama dessa gente, uma coisa horripilante. Não era o Juqueri, onde jogavam os loucos. Era um setor de tratamento no Hospital das Clínicas, na Avenida Rebouças. Era uma coisa! Eu fiquei impressionado, tinha de 12 para 13 anos, e esse foi o meu primeiro contato com a psiquiatria. Ele detestava que eu fosse criado aqui. Mas, enfim, acabei estudando no Colégio Rio Branco, depois Fundação Getúlio Vargas e Faculdade de

Direito São Francisco da Universidade de S. Paulo, e, finalmente, Columbia em Nova York, isso porque meu querido tio – o embaixador – se recusou a me recomendar para Harvard.

Impressões sobre o Brasil

A primeira impressão que eles tiveram quando chegaram ao Brasil foi muito boa. Deixamos o Hotel Esplanada e alugamos uma casa numa travessa da Gabriel Monteiro. Era um bairro maravilhoso, 100% residencial, sem comércio. Meus pais frequentavam a Beit El nos feriados judaicos. Quase todos os judeus de nossos contatos frequentavam somente nesses dias. Mais tarde, alguns russos criaram um boteco na Rua Treze de Maio, com o originalíssimo nome de *Balalaika*, onde dançavam, caíam bêbados, quebravam pernas, braços...

Outro episódio curioso aconteceu em 1954, quando o presidente Getúlio Vargas se suicidou. Dezenove dias antes, em 5 de agosto, o político e jornalista Carlos Lacerda sofreu um atentado em frente à sua residência, no número 180 da Rua Tonelero, em Copacabana, no Rio de Janeiro. O “atentado da Rua Tonelero”, como ficou conhecido, ganhou importância histórica por se tornar o fato que constituiu o marco da derrocada do presidente da República Getúlio Vargas, que culminou com o seu suicídio. Diante desses fatos, meu pai já estava preparando as malas para ir embora, porque achava que, a todo lugar que chegavam, os comunistas vinham e tomavam conta. Na Lituânia, Stalin; em Xangai, Mao. E, agora, no Brasil, os comunistas iriam tomar conta depois da morte do Getúlio. Eles já estavam se preparando para sair. Aí os amigos brasileiros morriam de rir, davam gargalhadas: “Imagine... você está no Brasil! Aqui não acontecem essas coisas!” – e eles realmente acabaram ficando. Nessa época, meu pai já ia bem nos negócios.

Meus valores

Concluí meu último curso em 1975, em finanças. Basicamente, atuei como empresário com negócios próprios e fiz parte de alguns conselhos. Casei-me com Clarice Bergwerk, namoro de escola, cuja família havia emigrado direto da Alemanha (Leipzig) em 1938. Temos dois filhos: Mauro, que se tornou rabino ultraortodoxo, e Alexandre, que emigrou

para os Estados Unidos, onde constituiu família. Oito netos por enquanto. Minha irmã também é americana.

Tenho uma grande admiração por toda a minha família. Basicamente, eles sempre estavam do lado certo, tomando as posições certas. E isso, de certa forma, me formou. Eu formei (acho) meus filhos dentro desse espírito. O que você faça, faça direito, principalmente do ponto de vista emocional e ético. Do ponto de vista histórico, somos um pedacinho da comunidade judaica que teve muita sorte. Além de fazer coisas certas, tivemos muita sorte. Eu não tive parente algum que morreu em campo de concentração. Um parente distante morreu em campo da Rússia. O único que morreu efetivamente durante a guerra foi meu tio Arie, como herói durante a Segunda Guerra Mundial.

Eu acho que existe uma diferença, sem ser muito cínico. O Holocausto serviu para uma coisa muito importante: depois de mais de dois mil anos (descontando participações em exércitos nacionais de diferentes impérios, muitas vezes inimigos uns dos outros), os judeus resolveram se defender, bem ou mal com problemas de política interna, problemas de ocupação territorial, de Israel etc. Sem o Holocausto e sem a queda do Império Britânico, não haveria a Partilha, pode ter certeza. A gente não pode esquecer que são judeus e que são capazes de se defender. E os judeus hoje, a minha geração, não sentiu a guerra. A geração dos meus filhos e dos meus netos não tem a menor ideia o que foi a guerra. O único contato que eles têm são ameaças, de um modo geral, a Israel. O que é um paradoxo. Eu acho que isso também é cíclico, vide Hungria, Áustria e tais.

Minha família nunca foi religiosa e eu sou antirritualismos, meu filho mais velho virou hassídico, e o mais novo se define como “*modern orthodox*”, classificação que só vi nos Estados Unidos. Isso é um paradoxo da História. É coisa deles. Enfim, acho que a cada três, quatro gerações ocorre retorno à religião. Nesses últimos 20 anos, tenho percebido em S. Paulo que o volume de filhos que começaram a praticar judaísmo ou começaram a se envolver com judaísmo e com a religião propriamente dita aumentou dramaticamente, e muitos acabaram influenciando os pais. Isso porque os pais, temerosos de perder o contato dos filhos, também se tornaram religiosos, não porque quisessem, mas por proselitismo dos filhos. Isso tem acontecido nos últimos 20 anos. Pais completamente agnósticos voltam-se ao judaísmo e, principalmente, os asquenazitas. Aliás, quase só asquenazitas, porque os

sefaraditas têm uma tradição menos agressiva do ponto de vista religioso, do que o tipo *habad* ou o hassídico. E têm maior habilidade de manter – eu vejo entre os amigos sefaraditas de meus filhos – as práticas mais conservadoras com relativos poucos “excessos” e passadas de pai para filhos de forma regular. Entre os asquenazitas, principalmente no Brasil ou nos Estados Unidos, a assimilação foi tão absurdamente total que perdeu o sentido. Hoje temos situações de casamentos mistos em que os filhos querem descobrir o judaísmo, sendo judeu um dos pais, daí ter gente se convertendo. Minha nora, casada com o meu filho rabino, faz treinamento de conversão, ou seja, orienta a mulher que não é judia para entrar no judaísmo. Isso é um processo jurídico complexo. Tem que passar por um rabino, depois por uma ou duas entrevistas, obter a concordância do rabino e, após uns seis meses de treinamento, se aprovada na entrevista, pode realizar casamento. Conheço um italiano católico de origem, cujo pai, na Itália de Mussolini – fascista e violentamente antissemita – provocou tanta culpa no filho que este acabou se tornando hassídico!

Reavaliando a trajetória da minha família e do povo judeu, antes e depois do Holocausto, gostaria de deixar uma mensagem para as futuras gerações: conheçam sua história porque a Hydra do antissemitismo ressurgue sempre, ainda que com várias de suas cabeças cortadas. Já foi um pilar da direita, hoje é um dos pilares da esquerda. Portanto, fiquemos atentos. Sem paranoia, sem vitimização, sem histeria, mas atentos, muito atentos.